

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

O MUNDO ISLÂMICO NO DISCURSO DA VEJA: DIVERSIDADE E UNIFORMIDADE

Wellington dos Santos Figueiredo¹

RESUMO

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos transformaram-se em um marco na história contemporânea, daí a enorme repercussão nos meios de comunicação. Neste artigo, analisaremos o discurso impresso da *Veja* (revista semanal de maior circulação do país) sobre o Islamismo. A abrangência do tema (sua diversidade e complexidade) é anulada por construções reducionistas, do tipo montagem-clichê (com sua uniformidade e simplificação) demonstrando que o discurso da *Veja* assume uma postura preconceituosa que chega à simulação.

Palavras-chave: mídia; preconceito, análise do discurso, 11 de setembro, terrorismo, Revista *Veja*.

ABSTRACT

The terrorist attacks of September 11th 200, against the United States have turned into a landmark in contemporary history, hence the enormous impact in the media. In this article, review of the discourse printed *Veja* (the largest circulation weekly magazine in the country) on Islam. The scope of the subject (their diversity and complexity) is canceled by constructions to reduce, assembly-type cliché (with its uniformity and simplification) demonstrating that the speech of *Veja* to assume a prejudice that comes to the simulation.

Key words: media, prejudice, discourse of analysis, September 11th 2001, terrorism, *Veja* magazine.

¹ Geógrafo. Mestre em Comunicação Midiática pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp - Bauru, SP). Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Bauru e do Comitê Editorial da Revista Ciência Geográfica. E-mail: wellington.figueiredo@uol.com.br
Recebido para publicação em 15/11/2007. Aprovado para publicação em 20/01/2008.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

Na verdade, o desafio da comunicação não é a gestão das semelhanças, mas a gestão das diferenças.

Dominique Wolton

Introdução

O dia 11 de setembro de 2001 foi escrito com sangue no livro da História da humanidade. Naquela manhã, os Estados Unidos sofreram o maior atentado terrorista de sua história. Depois de seqüestrarem quatro aviões, terroristas do grupo *Al-Qaeda* (A Base, em árabe) conduziram três aeronaves à destruição de símbolos estadunidenses. Dois aviões tiveram como alvo as torres gêmeas do *World Trade Center*, a terceira, as instalações do Pentágono. A quarta aeronave rumou à destruição sem chegar ao alvo pretendido. O acontecimento teve repercussão mundial. Juntamente com as Torres Gêmeas e o edifício do Pentágono, desabou pressuposto de que os Estados Unidos eram invulneráveis a ataques de grande magnitude dentro de seu território.

A compreensão dos atentados terroristas aos Estados Unidos vai além da destruição das torres do *World Trade Center* e de parte do prédio do Pentágono. Em atos como esse, deve ser considerado um complexo emaranhado de razões históricas, geográficas, sociológicas e religiosas.

Nesta análise, usaremos como objeto de estudo o discurso impresso construído pela revista *Veja*, pertencente ao Grupo Abril, a maior revista semanal da América Latina e a quarta do mundo (ficando atrás somente de *Time*, *Newsweek* e *U.S. News*). A expressiva tiragem do periódico sempre ultrapassa a quantia de um milhão de exemplares por semana. A tiragem da edição de 19 de setembro que estamparia em suas páginas os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 atingiria a cifra de 1.335.391 exemplares.

Veja, o Islamismo e a construção da diferença

Mais importante do que saber dos acontecimentos de nosso mundo é ter o conhecimento de como as informações nos são apresentadas: a análise dos enunciados determina a forma como as notícias foram construídas, a clareza ou obscuridade do discurso, os valores (ideológicos) priorizados, a produção ou

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

reprodução de certos gêneros e formatos, a perspectiva objetiva (ampla, estendida do fato) ou a postura subjetiva (estreita, restrita) sustentada por simples opinião. Nessa esteira de raciocínio, entender o processo de comunicação e seus mecanismos de manifestação é de fundamental importância.

Mariani, refletindo sobre a produção da notícia, aduz que

O ato de noticiar (...) não é neutro nem desinteressado: nele se encontram, entrecruzam-se, os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes bem como, ainda que indiretamente, dos leitores. Além desses fatores, as forças políticas em confronto no momento histórico em que divulga um acontecimento vão constituir também os sentidos produzidos pelas notícias. (MARIANI, 1999, p. 102)

Em apresentação à edição especial, a “Carta ao Leitor” do periódico, *Veja* traz como título, “O que incomoda o terror”. Juntamente com o texto, a seção insere duas figuras que, embora separadas pelo tempo, representam o orgulho estadunidense. A primeira imagem faz alusão a fuzileiros cravando a bandeira dos Estados Unidos no Monte Suribachi, em Iwo Jima, no ano de 1945 (época da Segunda Guerra Mundial). Esta imagem está em preto-e-branco e ocupa a maior parte do *box* de notícias. A segunda imagem, em tamanho menor, embora colorida, mostra gesto semelhante realizado por bombeiros nova-iorquinos sobre os escombros das torres gêmeas.

Ambas as imagens, ao mostrar as figuras (soldados e bombeiros) e ancoragens territoriais (Iwo Jima e Nova York) ilustram o patriotismo estadunidense frente a dois períodos distintos de sua história. Um de glória – vitória obtida durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – e outro que tenta cicatrizar as feridas abertas pelos atentados de 11 de setembro de 2001. Como uma dobra do tempo, passado e presente parecem encontrar-se em situações distintas, embora em ambas as situações externem a bravura dos sujeitos (soldados e bombeiros) representantes do povo estadunidense.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

As ilustrações dão o tom do texto inserido no *box*. As palavras emitidas pela *Veja* têm como alvo principal o mundo islâmico evocando de certa forma a idéia de “choque de civilizações” defendidas por Samuel P. Huntington².

O caminho trilhado pela revista parte da premissa de que os atentados aos Estados Unidos, acima de tudo, foram práticas contra a democracia e o sistema capitalista.

O verdadeiro alvo visado pelos terroristas que atacaram Nova York e Washington na semana passada não foram as torres gêmeas do sul de Manhattan nem o edifício do Pentágono. O atentado foi cometido contra um sistema social e econômico que, mesmo longe da perfeição, é o mais justo e livre que a humanidade conseguiu fazer funcionar ininterruptamente até hoje. Não foi um ataque de Davi contra Goliás. Nem um grito dos excluídos do Terceiro Mundo que, de modo trágico mais efetivo, se fez ouvir no império. Foi uma agressão perpetrada contra os mais caros e mais frágeis valores ocidentais: a democracia e a economia de mercado.

O que realmente incomoda a ponto de exasperação os fundamentalistas, apontados como os principais suspeitos de autoria dos atentados, não é só a arrogância americana ou seu apoio ao Estado de Israel. O que os radicais não toleram, mais que tudo, é a modernidade. É a existência de uma sociedade em que justos podem viver sem ser incomodados e os pobres têm possibilidades reais de atingir a prosperidade com o fruto de seu trabalho. Esse é o verdadeiro anátema dos terroristas que atacaram os Estados Unidos. Eles são enviados da morte, da elite teocrática, medieval, tirânica que exerce poder absoluto em seus feudos. Para eles, a democracia é satânica. Por isso tem de ser combatida e destruída. (REVISTA VEJA, 2001, p. 09)

O texto traz para a arena de discussões a idéia do conflito entre Ocidente e Oriente. Ao evocar que os atos terroristas tiveram como escopo “a democracia e a economia de mercado”, *Veja* alude que os atentados visavam além dos Estados Unidos, todos os países

² Samuel P. Huntington é professor de Relações Internacionais além de ter atuado como estrategista durante a Guerra do Vietnã. Em 1993, publicou artigo na revista *Foreign Affairs* apresentando a idéia de um choque entre civilizações. Posteriormente o artigo foi ampliando e transformado no livro *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*, em que defendia a tese que no mundo pós-Guerra Fria os conflitos seriam fundamentalmente culturais: a civilização ocidental contra a islâmica, e esta contra a hinduísta etc. Mais adiante retomaremos a discussão.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

que têm esses valores como alicerce social. O discurso da revista cola a figura *terrorista* às ancoragens *medieval* e *feudos*, produzindo o sentido de atraso, valores divorciados da modernidade.

No nível profundo do texto, *Veja* unge com euforia os semas *Democracia* e *Ocidente* e joga nas trevas a disforia de valores contrários aos defendidos pela revista. Ao sublinhar a vitória dos Estados Unidos em Iwo Jima, o discurso do periódico imprime a supremacia do país (representando o Ocidente) sobre o Japão (Oriente). No texto *Democracia* e *Ocidente* ornaram com modernidade, com valores “civilizados”... E arremessa ao fosso concepções que ofendem a axiologia defendida pelo periódico.

No discurso da revista o oposto de *Democracia* é representado por *Teocracia*. Em um regime Teocrático – sistema de governo em que o poder político se encontra fundamentado no poder religioso –, as liberdades são asfixiadas e a rede econômica é precária. Assim, o texto faz a seguinte passagem: A *Democracia* é apresentada com seus valores eufóricos, que, em seguida, são negados, quando se passa para a *Não-Democracia*, que representa a *Teocracia*.

Tal manifestação política ocorre em países situados no Oriente. O que cria o segundo sentido de apresentado no texto: Ocidente → Não-Ocidente → Oriente.

Assim, o Oriente se torna algo divorciado dos valores ocidentais defendidos pela *Veja*: a democracia e a economia de mercado (sistema capitalista). Isso evidencia a visão maniqueísta e redutora do texto em análise pois, assumir isso como verdade, é fazer tábula rasa das engrenagens que movem as políticas internacionais. Uma vez que, na linguagem dos signos, a própria geografia é sacrificada: chama-se Ocidente, “mundo ocidental” os países econômica e politicamente definidos como capitalistas, de forma que o Japão termina “ocidentalizado”. Geograficamente ocidental, Cuba, por sua posição política acaba afastando-se desses valores. Mesmo não adotando valores democráticos e plena economia de mercado, Cuba não deixa de figurar no “mundo ocidental”. Igual raciocínio é válido para a China, país oriental que, mesmo tendo forte controle do sistema político, sua economia cada vez mais cria laços com o sistema capitalista. Ocidente e Oriente não formam uma massa homogênea, com valores absolutos³.

³ Para saudoso intelectual palestino Edward Said: “A geografia não é só uma batalha de tecnologias cartográficas e regimes de verdade; é também um confronto entre diferentes modos de ver o mundo”. (SAID apud STEINBERG, 2005, p. 190)

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

Quando expõe que “O que os radicais não toleram, mais que tudo, é a modernidade”, a revista ignora que uma das contribuições da modernidade é o avanço tecnológico. Os autores dos atentados tanto toleram a modernidade que se utilizam de suas ferramentas para disseminar sua cultura e arquitetar seus planos. Sem conhecimento das novas tecnologias uma ação como a de 11 de setembro de 2001 seria inviável.

Jogar sementes descontextualizadas ao ar pode fazer germinar uma produção de sentidos equivocada no leitor. Serva (2001) classifica como “redução” a técnica de simplificar fatos. Isso ajuda a passar uma idéia de “notícia fora do lugar”. Quando essa prática é utilizada, o sentido eufórico perpetrado pela mídia é devolvido por uma percepção disfórica por parte do enunciatário.

Isso acontece no seguinte trecho do artigo

Não é de se espantar que, após os atentados, o tom do discurso americano tenha mudado. Desapareceu como por magia o relativismo cultural e seu corolário, o respeito por aquilo que possa ser considerado politicamente correto. O relativismo cultural, teoria formulada na década de [19]30 pelo antropólogo americano Melville Jean Herskovitz, preconiza que nenhuma cultura é superior a outra. Que cada uma deve ser entendida dentro de seu próprio contexto e, por isso mesmo, não cabem comparações entre elas. (...). É dessa perspectiva que alguns estudiosos acham possível justificar, por exemplo, a prática de muçulmanos africanos de extirpar o clitóris das adolescentes. Do relativismo cultural nasceria na década de [19]80 o discurso politicamente correto, que aboliu do vocabulário palavras e expressões que soam pejorativas a minorias étnicas, homossexuais e portadores de deficiência física. Com os atentados, o relativismo sofreu um abalo: por alguns dias, pelo menos, o mundo voltou a ser dividido entre países civilizados e nações bárbaras. E, contra os bárbaros, políticos e analistas pediram “vingança”.⁴(REVISTA VEJA, 2001, p. 52)

⁴ Grifos nossos.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

Os trechos em itálico são exemplos evidentes da edição parcial do texto da *Veja*. A revista, utilizando-se da figuração “*muçulmanos africanos*”, expõe um exemplo forte e totalmente deslocado de seu contexto (a extirpação do clitóris) para causar no leitor a sensação de que o “relativismo cultural” é um conceito equivocado aguçando disforia ao Islamismo. A estratégia de figurativização é um indicativo desse desejo. Em seguida, ao citar as ancoragens territoriais “*países civilizados*” e “*nações bárbaras*”, procura provar que o mundo agora está novamente dividido entre civilização e barbárie, em outras palavras, “nós” (os civilizados) e “eles” (os bárbaros).

Cabe salientar que a extirpação do clitóris não é algo inato ao Islamismo e nada tem a ver com o *Alcorão*⁵ e sim com hábitos locais, costumes tribais⁶... Essa forma de mutilação – praticada, por exemplo, no oásis Buraimi, nos Emirados Árabes e países africanos – teve seu berço na África paleolítica. Opta-se pelo enunciado “muçulmanos africanos” para reforçar a disforia quanto ao posicionamento, que tudo indica, ser intencional, pois, a revista *Veja*, empregou esse exemplo para provocar repulsa e ativar preconceitos contra os povos islâmicos sem explicar ao seu leitor as nuances do rito. Essa construção enunciativa traz, ao leitor que não é integrado a determinadas passagens históricas e culturais, a concepção que os muçulmanos africanos, iranianos, europeus ou americanos, o mesmo sentido: de que a prática é intrínseca a todo o Islã.

O Islamismo ainda ganharia mais linhas no texto “A descoberta da vulnerabilidade”.

Há mais de um bilhão de muçulmanos espalhados pelo mundo. Na maioria, são moderados. A minoria radical, no entanto, tem uma disposição fanática para matar e morrer e se une num ódio incontrolável contra os Estados Unidos, em sua opinião um país satânico. Em sua visão, atacar o demônio americano garante ao fiel um

⁵ O *Alcorão* não foi escrito por Maomé. Sendo o profeta analfabeto, as transcrições das revelações feitas pelo anjo Gabriel **devem**-se ao califa Otman, terceiro sucessor de Maomé no ano 652 da nossa era. Em língua portuguesa, grafase o livro sagrado islâmico de duas formas: “Alcorão e Corão”. Nesta dissertação, faremos uso do vocábulo “Alcorão”, pois segundo Kamel (2007, p.73-74): “Literalmente, Alcorão quer dizer ‘A Leitura’ (em português, deve-se dizer Alcorão, e não o Corão, porque a palavra entrou em nossa língua daquela primeira forma, assim, como outros três mil vocábulos, como, por exemplo, almofada, alfaiate, álcool, alfinete, etc.)”. Manteremos a grafia “Corão” quando a mesma for citada desta forma por outros autores.

⁶ Em dezembro de 2006, foi realizada no Cairo (Egito) a conferência “A Proibição da Violação do Corpo Feminino pela Circuncisão”. Nessa conferência, muçulmanos de alto escalão concordaram que a mutilação genital feminina é irreconciliável com o Islamismo. Embora a circuncisão seja muitas vezes defendida com razões supostamente religiosas, não existe justificativa religiosa para essa prática. O renomado e notório clérigo e jornalista egípcio, Yusuf al-Qaradawi, concordou que o *Alcorão* afirma ser proibido mutilar a criação de Deus.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

lugar de honra no paraíso. Como se pode lidar com terroristas cujo objetivo é retornar ao século VIII? (REVISTA VEJA, 2001, p.56-57)

O texto é recoberto pelas figurativizações *muçulmanos, moderados, radicais, fanáticas, demônio americano, paraíso e terroristas*. Quando separados, os semas parecem figurar no dicionário de significados disfóricos comuns quando destinados ao Islamismo. O mesmo ocorre quando isolamos do texto as ancoragens territoriais *país satânico* e *século VIII*. Podendo funcionar como figura ou ancoragem a expressão *país satânico* acaba sendo incorporada como sinônimo de Estados Unidos, o grande inimigo dos extremistas islâmicos e, sempre procurando colar o rótulo do atraso como feito na referência temporal *século VIII*.

Na passagem em questão, depois de mencionar a cifra de muçulmanos existentes no planeta, o processo de editorialização do texto destina uma curta frase para dizer que a maioria dos islâmicos são moderados, sem entrar no mérito da classificação. Espaço diferente é ofertado para demonstrar o lado mau do Islamismo, indicando sua tenebrosa profissão de fé. Pode-se entender que, devido aos atentados terroristas, passa a ser natural evidenciar apenas o lado fundamentalista do Islamismo⁷ – sobretudo quando se quer enfatizar apenas esse grupo para expandir o teor disfórico dos sentidos –, sempre em qualificação negativa. E de fato o é, mas nada impede um sadio equilíbrio nas análises das duas principais facções islâmicas.

Na parte derradeira do artigo temos o seguinte comentário.

A oposição à globalização já existia como fenômeno ambientalista, de minorias, das ONGs e dos sindicatos. Agora deve também levar em conta essa nova complicação: o Islã como fonte de preocupação para a paz mundial. A globalização incomoda a turma do turbante pela modernidade que traz no bojo. O fundamentalismo islâmico é, em boa medida, a manifestação de uma elite que exerce sobre seus povos uma tirania milenar, baseada na religião e nos costumes imutáveis. Se é contra a civilização ocidental, é porque não pode conviver com seus princípios básicos,

⁷ Embora algumas facções sunitas também optem por práticas terroristas como os membros da Rede Al Qaeda, por exemplo.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

notadamente a liberdade política e individual. O universo dos fundamentalistas é aquele em que se queimam livros, se proíbem filmes e música. As mulheres são cobertas de véu e devem submissão ao poder masculino. (REVISTA VEJA, 2001, p. 58).

As figurativizações do texto trazem à tona aspectos condenáveis do fundamentalismo islâmico: submissão da mulher, queima de livros, traços tirânicos... Essas figuras de linguagem reforçam a opinião da revista quanto aos valores defendidos pelos terroristas. Contudo, o fundamentalismo religioso foi gestado no ventre do protestantismo estadunidense, não sendo assim, uma criação islâmica (por mais que seja comum a utilização de tais práticas por seus seguidores). A tenebrosa ação de queima de livros não é um pecado exclusivo do fundamentalismo islâmico, ditadores como Adolf Hitler e o Tribunal da Santa Inquisição também o fizeram. Mas essas informações são omitidas pela revista!

Nas três frases que abrem à citação, *Veja* embaralha determinados conceitos produzindo sentidos contrários ao Islamismo. Primeiro porque coloca numa mesma teia de análises movimentos ambientalistas, ONGs e sindicatos ao lado da rede terrorista islâmica, dando a entender que todos oferecem o mesmo grau de periculosidade à globalização. Isto é, em sua prática enunciativa, por exemplo, tenta colocar no mesmo nível de sintonia a atuação de um movimento ambientalista e o terrorismo islâmico, como se ambos fossem concebidos do mesmo ventre. Em segundo lugar, cita o Islã (como um todo, sem ressaltar suas subdivisões) como um perigo à paz mundial.

Da maneira como o enunciado é contruído, tem-se todo o Islamismo como risco, e não apenas os fundamentalistas que realmente podem pôr em xeque a segurança mundial como vimos nos atos de 11 de setembro de 2001.

Outra generalização perigosa é a terceira frase onde aparece pintada com forte tom pejorativo a figurativização “*turma do turbante*”. Numa clara alusão à vestimenta típica dos islâmicos, *Veja* destila preconceito de maneira incisiva. Afinal, os moderados também usam a tradicional roupa, não apenas os fundamentalistas. O tom disfórico usado na construção textual induz o leitor a crer que todos os adeptos dessa religião são contra a

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

modernidade e, por extensão, terroristas. Nesses tipos de declarações a revista cola ao Islamismo emblemas de atraso e fanatismo. Palavras inteiras, porém verdades recortadas com a perigosa lâmina editorial.

No texto, “Assassinato em nome de Alá” – (p. 80-85), sem perder de vista o horizonte histórico, colocando o passado no presente, inicia-se serenamente e, procurando separar o joio do trigo, procura caracterizar o “outro”, trazendo as seguintes informações:

Com o surgimento dos primeiros indícios de que a onda de terror nos Estados Unidos foi obra de radicais islâmicos, uma questão tornou-se inevitável: quem é essa gente que se suicida jogando aviões contra edifícios? Que se veste de bombas e se explode em supermercados e pizzarias de Israel? Que estoura carros recheados de explosivos contra muros de quartéis? Quem é, enfim, essa gente que se mata em nome de Alá?

Atualmente, calcula-se que exista em torno de 1,3 bilhão de muçulmanos no mundo, divididos em diversas correntes religiosas – e apenas uma parcela pequena está disposta a entregar a vida pela causa. São muçulmanos que integram ramificações extremistas da religião, como os sunitas do Afeganistão e os xiitas do Líbano, para os quais o suicídio em nome de Alá, normalmente cometido aos gritos de “Deus é grande”, é uma forma suprema de entrega ao amor divino. A maioria dos muçulmanos, no entanto, repudia os ataques suicidas e os considera pecado extremo, uma ofensa contra Alá, na medida em que atenta contra o dom da vida – um dom divino. “O primeiro equívoco comum entre ocidentais e cristãos é considerar todo islâmico um extremista suicida e, por extensão, um terrorista em potencial”, adverte a historiadora Maria Aparecida de Aquino, da Universidade de São Paulo. O segundo equívoco, e até mais freqüente que o primeiro, é julgar que todos os muçulmanos são árabes, quando a maioria, na verdade, é formada por povos não árabes. Somando-se um erro ao outro, produz-se uma generalização tão deformada quanto a de alguém que supõe que todos os católicos são irlandeses e, portanto, todos são radicais. (REVISTA VEJA, 2001, p. 81)

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

O discurso é construído em tom cauteloso, atribuindo responsabilidade a quem lhe é de direito. O texto é levantado sobre argumentos de uma historiadora, recurso utilizado para atribuir credibilidade à reportagem. Atravessado pelas figuras *radicais islâmicos, sunitas, xiitas, Alá, ocidentais e cristãos*, o enunciado sintoniza as diferenças que recortam os islâmicos, atentando para a diversidade da religião de Maomé. Evidencia-se que não são todos os muçulmanos adeptos da liturgia terrorista.

As ancoragens *Afeganistão e Líbano* quando unidas às figuras *sunitas e xiitas*, clareiam as diferenças entre os dois principais setores do Islamismo, alertando que as análises não devem ser precipitadas e nem ecoar o senso comum para determinadas colocações.

Nesse trecho do enunciado – e também em seu desdobramento – *Veja* omite uma importante informação. Os xiitas são tidos como a ala mais radical do Islamismo cabendo aos sunitas a característica de moderados. Todavia, não se trata de uma verdade absoluta: os sunitas do Afeganistão, o ex-ditador Saddam Hussein e os próprios membros da *Al Qaeda* assumem perfil fundamentalista mesmo não pertencendo à facção xiita. Ou seja, são líderes que almejam o poder independentemente da facção. A religião é apenas um caminho para sedimentar seus objetivos. A não explicação dessa passagem pode trazer confusão ao leitor que no texto vê os semas *sunitas e xiitas* como representações fundamentalistas produzindo o sentido de que todo o Islã é um conjunto terrorista. Não há diferenças entre os “outros”.

Em determinado momento do texto, *Veja* novamente traz à superfície o já decantado “choque de civilizações” de Samuel P. Huntington como possível explicação para atos como o 11 de setembro de 2001.

A explicação sobre o que move esses extremistas, segundo alguns especialistas, talvez esteja num dado mais sutil: o choque de civilizações.

“Os Estados nacionais permanecerão como os atores mais poderosos no cenário mundial, mas os principais conflitos globais ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações”, aposta o professor Samuel P. Huntington, especialista em estudos internacionais da Universidade de Harvard e autor de um livro dedicado ao assunto. “O choque de civilizações será a linha divisória das batalhas no futuro”.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

Nem todos os estudiosos do assunto concordam com a tese de Huntington, mas não há como negar que, num mundo cada vez menor, cada vez mais próximo, a religião também funciona como um instrumento de afirmação de identidade nacional. E a globalização crescente é um processo que se desenrola sob o comando inequívoco do mundo ocidental – em especial, do império americano. As potências ocidentais não trilham sua trajetória segundo parâmetros da *Bíblia*, da fé cristã, dos ensinamentos de Jesus, mas, mesmo assim, elas acabam por se contrapor, culturalmente, aos países muçulmanos, muitos dos quais se pautam pelo *Corão*, pela fé islâmica, pelos ensinamentos de Maomé.

Com 1400 anos de rivalidade, o cristianismo e o islamismo vêm alterando auges e colapsos. (REVISTA VEJA, 2001, p. 83)

Veja relata no trecho uma das teorias muito discutida à época dos ataques: “o choque de civilizações”. A postura do enunciado, materializada pela revista, coloca-a como simpatizante da tese, mesmo quando o periódico procura vestir o manto da imparcialidade. O texto até chega a mencionar que “nem todos os estudiosos do assunto concordam com a tese de Huntington”, mas não cita um contra-argumento que mostre posição adversa a do intelectual estadunidense. Assim, só a visão de Huntington é externada.

Tal como Francis Fukuyama e seu “fim da história”, Samuel P. Huntington criou um paradigma para explicar a ordem mundial pós-Guerra Fria: os conflitos seriam fundamentalmente culturais, principalmente no confronto com ancoragem entre Ocidente e Oriente. Uma visão panorâmica mune de razão e credibilidade a tese de Huntington, sobretudo, após o 11 de setembro de 2001. Mas quando aproximamos a lente analítica a suas idéias, fraturas aparecem. Huntington ancorou sua teoria numa análise do sistema internacional acreditando que a geopolítica poderia ser deduzida a partir das estruturas culturais profundas que moldam as civilizações. Ignorou a complexidade da rede de interesses dos Estados e os emaranhados políticos e culturais das sociedades contemporâneas. “Identidades”, “civilizações” não são entidades lacradas, mas um enredo de trocas, compartilhamento. O “choque de civilizações” está na mente de Huntington, mas

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

não no cenário das relações internacionais e nem na sobreposição de uma cultura sobre a outra⁸.

Na parte que encerra a citação, a revista reforça a tese de Huntington ao produzir o sentido de rivalidade entre os mundos cristão e islâmico. Na passagem textual, o mundo cristão é ungido pelas figuras *Bíblia, fé cristã, ensinamentos de Jesus*, enquanto o mundo islâmico tem sua figurativização em *Corão, fé islâmica, ensinamentos de Maomé*. Tem-se nessa iconização o efeito de realidade de que o mundo ocidental e seus valores cristãos são superiores ao mundo islâmico; atribuem-se ainda aspectos teocráticos aos Estados islâmicos e posições laicas aos Estados cristãos. Ao afirmar que “As potências ocidentais não trilham sua trajetória segundo parâmetros da *Bíblia*, da fé cristã”, *Veja* aposta no desconhecimento da história por parte de seus leitores, uma vez que o “império americano” (como citado no texto) fez uso em seu passado de argumentos divinos, assim como George W. Bush repetiu tal gesto no presente para combater o terrorismo, para justificar e consolidar a política expansionista dos Estados Unidos⁹.

Mais adiante, as informações do próprio texto se encarregam de fragilizar o “choque de civilizações” ao mostrar que valores ocidentais conseguem conviver (e bem!) em países islâmicos.

No Irã, há grandes anúncios de produtos ocidentais pelas ruas de Teerã, existem mulheres procurando cirurgiões plásticos, num sinal de vaidade antes inadmissível, e é muito expressivo o contingente feminino que frequenta a universidade – uma raridade em algumas nações islâmicas que confinam a mulher aos limites do lar. “Há aspectos do capitalismo ocidental que são plenamente aceitos pelas populações muçulmanas”, diz um diplomata brasileiro que serviu por oito anos no

⁸ Edward Said (2003) classifica a tese de Samuel P. Huntington como “choque de ignorância”.

⁹ O ex-presidente dos Estados Unidos, Willian McKinley justificou sua decisão de invadir as Filipinas em 1898, durante a Guerra Hispano-Americana como um pedido feito por Deus enquanto rezava. O escritor Hernan Melville, autor do clássico *Moby Dick*, expressou certa vez que: “Somos o povo peculiar, escolhido, o Israel de nosso tempo. Carregamos a arca da liberdade do mundo”. Outro episódio de como a “inspiração divina” norteou a política estadunidense estão nas palavras de George W. Bush: “Deus me disse para atacar a *Al Qaeda*, e eu ataquei. Então ele me deu a ordem de atacar Saddam, e foi isso que fiz”, explicou o presidente. A raiz do “Destino Manifesto” foi plantada pelos puritanos no século XVII. Em sua jornada através do Atlântico, esses imigrantes se comparavam aos hebreus do Velho Testamento, cruzando o deserto em busca da Terra Prometida. (Fuser, 2006). O presidente George W. Bush classificou os atentados sofridos por seu país como “diabólicos”, evocando o imaginário religioso em sua explicação. Em discurso proferido no dia seguinte aos atentados sentenciou: “Mesmo que eu andasse pelos vales das sombras e da morte não sentirei medo porque o Senhor está comigo”. Trata-se de uma evocação de uma passagem presente no capítulo 23 do livro dos Salmos (Antigo Testamento). Nunca é demais lembrar que em tribunais dos Estados Unidos é comum à prática de testemunhas prestarem juramento com uma das mãos sobre a Bíblia.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

Líbano. “As cadeias de *fast food*, como o McDonald’s, fazem sucesso do Marrocos ao Líbano”, diz ele. (REVISTA VEJA, 2001, p. 84)

As figurativizações expostas em produtos ocidentais, *vaidade*, *cirurgias plásticas*, *universidade* atrelando valor à figura *mulheres* mostram a compatibilidade de aspectos ocidentais em território muçulmano. Da mesma maneira que, a figura *McDonald’s* (um dos símbolos do capitalismo estadunidense) quando atrelada, em tom eufórico pelo *seu sucesso*, às ancoragens territoriais *Marrocos* e *Líbano* (países islâmicos), faz tombar a generalização precipitada de conjugar duas culturas como incompatíveis, de que somente com o extermínio de uma que a outra pode florescer.

São múltiplas as manifestações culturais existentes. É muito comum no plano religioso a dicotomia entre o Sagrado e o Profano. O que é sagrado para determinada crença pode, inversamente, ser um ato de heresia para outra(s). Nesse contexto, Wolton (2004, p. 20) alerta que “no passado, a identidade era um obstáculo à comunicação, hoje em dia ela se torna a sua condição”.

Considerações finais

Neste artigo apontamos a construção do discurso da Revista *Veja* sobre o mundo islâmico sinalizando o preconceito e desinformação que o periódico direcionou ao retratar de maneira míope e parcial toda uma manifestação cultural. O edifício argumentativo da *Veja* foi construído sobre os pilares da “forma que desinforma” (Serva, 2001). A diversidade cultural não foi respeitada pela revista, sendo os valores ocidentais alçados como superiores a qualquer axiologia contrária, principalmente a islâmica. É preciso ter em mente que no combate ao terrorismo deve-se evitar qualquer ação discriminatória contra grupos étnicos ou nacionalidades aos quais os grupos terroristas dizem pertencer¹⁰. Os terroristas são membros de organizações minoritárias, que operam na clandestinidade,

¹⁰ Houve um reforço da categorização sobre os islâmicos após os atos terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Parte substancial da imprensa associou uma manifestação cultural como sinônimo de terrorismo. Prova disso é que os islâmicos cunharam a expressão “islamofobia” para mostrar o alto grau de racismo existente na mídia do Reino Unido. O jornalista Tim Goppsil citado por Fraga (2004, p. 21) afirma que “sem dúvida há racismo na mídia britânica contra minorias étnicas”. Para minimizar o fato foram editadas cartilhas que objetivam fornecer para jornalistas informações sobre a cultura islâmica. A intenção é que o racismo não seja o delineador dos textos que citam islâmicos.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

alheios aos interesses das sociedades onde se inserem. Lutar contra o terrorismo internacional supõe uma cooperação internacional em todos os níveis.

A construção de discursos dá-se através de pequenas particularidades, diferenças de início quase imperceptíveis, mas com um potencial de transformar nossa visão do mundo. Aquilo que, aos olhos de uma geração, uma comunidade, uma cultura, uma civilização, é tratado como banal, a ponto de permanecer invisível, é neste lugar que nascem os discursos. A textura dos acontecimentos (e dos sentidos que os fazem existir discursivamente) pode variar de densidade, desde que suficientemente cerrada para que sua lógica se torne compreensível.

A linguagem envolve nossos sentimentos. É um tecido presente na trama do pensamento. Ela é a base em que se desenvolvem os processos discursivos. Pintados com as cores da ideologia, como qualquer outro, os discursos das mídias são molduras em que se representa a visão de mundo pretendida. A maneira pela qual uma notícia é exposta reflete a categorização do discurso e as intenções de seus autores.

O desprezo de uma cultura em relação à outra finca as colunas do pensamento fundamentalista. Nem sempre se conjuga corretamente o local com o global. Há uma equação inversa: a aproximação das distâncias físicas ilustra a amplitude das distâncias culturais. Assim sendo, o poder das identidades não deve ser menosprezado. Deve-se desarmar a armadilha da confusa (e enganosa) mistura entre tempo técnico e tempo social, visto que a cronologia de ambos é bem distinta.

Da junção de duas ou mais culturas decorre, de modo geral, a avaliação recíproca, isto é, o julgamento do valor da cultura do “outro”. Normalmente, esse julgamento é feito a partir da cultura do “eu”. Assim, a análise da outra cultura tende a considerar a sua própria como a ideal e a mais avançada. Passa-se, então, a desprezar os valores, o conhecimento, a arte, a crença, as formas de comunicação, as técnicas, enfim, a cultura do “outro”.

Mas quem é o “outro”? Landowski responde ao afirmar que

... a figura do Outro é, antes de mais nada, a do estrangeiro, definido por sua dessemelhança. O Outro está, em suma, presente. Presente até demais, e o problema é precisamente este: problema de sociabilidade, pois se a presença

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

empírica da alteridade é dada de pronto na coabitação do dia-a-dia das línguas, das religiões ou dos hábitos – das culturas –, nem por isso ela tem necessariamente sentido, nem, sobretudo, o mesmo sentido para todos. (LANDOWSKI, 2002, p. XII)

Todo produto midiático vende identidade. É preciso olhar para quem recebe as informações. O sentido dos fatos depende da trama em que estão inseridos. Dificilmente um acontecimento é apreendido de maneira completa. O uso inevitável de filtros cognitivos, culturais, sociais, históricos, políticos, ideológicos, econômicos, institucionais entre outros, acaba levando a uma reconstituição parcial de um estado embrionário de discursividade. Nesse estado, ou de um discurso ainda em formação, vão se destacando diferenças sobre um fundo de uniformidade. O leitor vai extrair de sua relação com o texto não somente um sentido e, sim, uma significação. Uma diferença é algo que não poderíamos conhecer *a priori*, que se constrói no próprio processo do conhecimento através das palavras, no próprio processo do dizer.

Um texto jornalístico não trata apenas de um assunto, mas do que podemos saber sobre ele. Na sua compreensão estão embutidos os processos da produção discursiva, as decisões que o jornalista tomou ao escrevê-lo, as informações que ele não conseguiu obter, o cuidado ao relatar certos fatos, os *links* causais que o jornalista fez ou deixou de fazer... Afinal, como alerta Wolton (2004, p. 280): “Se o receptor não confia mais no jornalista, a informação perde parte de seu valor”. Sem credibilidade as palavras são apenas prisioneiras em um papel. Não produzem som nem efeito persuasivo. Ecoam-se no vazio da insignificância.

O sentido não é jamais o simples produto de um pensamento diretamente confrontado com a realidade. Ele resulta sempre de uma negociação (Landowski, 2002). As trocas de mensagens se dão entre um destinador e um destinatário que se utilizam da linguagem para intercambiar valores que se articulam de modo a gerar significações permitindo o indivíduo ver e compreender o mundo, compartilhando modos de vida e comportamentos manifestados por um conjunto de regras que são adotadas através de convenções previamente definidas e representadas por signos que aglutinam expressão e conceito, capazes de mediar e expressar pensamentos.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

Há sempre um antes e um depois da comunicação. Para comunicar é preciso reforçar as identidades, reencontrar o tempo e respeitar o que nos separa. E como ninguém é exterior a comunicação, a reflexão requer, ao mesmo tempo, esforço e distanciamento e, sobretudo, honestidade intelectual para chegar ao conhecimento.

O engajamento de determinados veículos de comunicação irá nortear a cobertura por ele realizada. “Buscar na aparência a essência”. Essa máxima sintetiza o que queremos dizer: o bom senso consiste em não aceitar prontamente as verdades, e sim, interpretá-las entoando a criticidade analítica e dissolvendo o venenoso pensamento reducionista. Comunicar é integrar; mas também pode fragmentar. Esta máxima ilustra que, num processo interregno, minado com desinformações plantadas propositalmente ou por equívoco, o arco-íris da informação pode conduzir ao sepulcro da insipiência.

Referências

ARBEX JR, José. Showrnalismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.2). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DORNELES, Carlos. Deus é inocente: a imprensa, não. São Paulo: Globo, 2003.

FIGUEIREDO, Wellington dos Santos. Informação, sociedade e jornalismo. In: *O Espaço do Geógrafo*. Bauru-SP, 3º trimestre de 2003, p.02-03.

_____. A cobertura do terror e o terror da cobertura: produção de sentido em revistas – atentados de 11 de setembro de 2001. Bauru-SP, UNESP, 2007. (Dissertação de mestrado). Mimeo.

FRAGA, Érica. *Imprensa britânica e islã batem de frente*. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mundo, p. A 21, 05/09/2004.

FUSER, Igor. Os donos do mundo. In: *Aventuras na história*, edição 35, São Paulo, junho de 2006, pp.26-33.

GREIMAS, A. J. Sobre o sentido: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

KAMEL, Ali. Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

LANDOWSKI, Eric. Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

MARIANI, Bethania S.C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria C. L. *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999, p. 102-121.

REVISTA VEJA. *O que incomoda o terror* (Carta ao leitor). Editora Abril, São Paulo, 19/09/2001, p.09.

_____. *A descoberta da vulnerabilidade*. Editora Abril, São Paulo, 19/09/2001, p.48-59.

_____. *Assassinato em nome de Alá*. Editora Abril, São Paulo, 19/09/2001, p.80-85.

SAID, Edward W. Cultura e política. Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

SERVA, Leão. Jornalismo e desinformação. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

STEINBERGER, Margarethe Born. Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: EDUC; FAPESP; Cortez, 2005.

VICENTE, Maximiliano Martin. O jornalismo do *Le Monde Diplomatique*. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru-SP, n.º 3, Ago, pp. 133-149, 2005.

WOLTON, Dominique. Pensar a comunicação. Trad. Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.